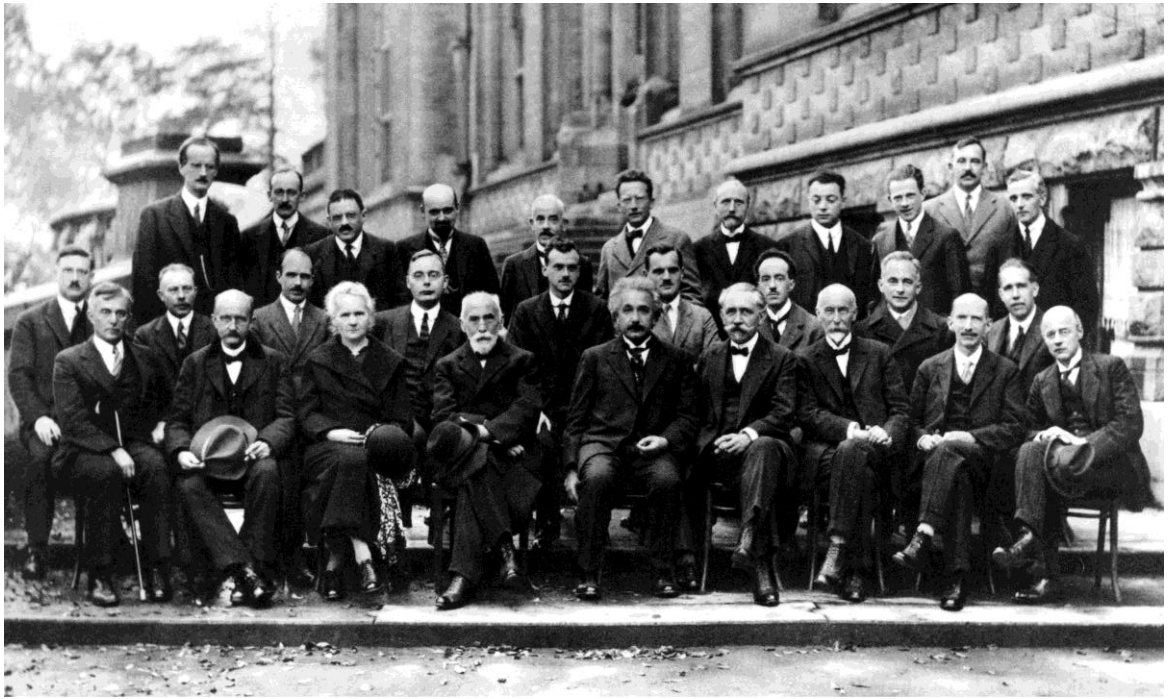
A Síndrome do Gênio

Jardel Elias Trindade

Para Nilza e Aline, pessoas que souberam como o mundo funciona antes de todos.

Para Anderson, a pessoa mais incrível que eu conheço, e que não precisa da Síndrome do Gênio.



Solvay, 1927. De pé: Auguste Piccard, Émile Henriot, Paul Ehrenfest, Edouard Herzen, Théophile de Donder, Erwin Schrodinger, Jules-Émile Verschaffelt, Wolfgang Pauli, Werner Heisenberg, Ralph H. Fowler, Léon Brillouin.
Sentados ao fundo: Peter Debye, Martin Knudsen, William L. Bragg, Hendrik A. Kramers, Paul A. M. Dirac, Arthur H. Compton, Louis-Victor de Broglie, Max Born, Niels Bohr.
Sentados à frente: Irving Langmuir, Max Planck, Marie Curie, Hendrik A. Lorentz, Albert Einstein, Paul Langevin, Charles-Eugene Guye, Charles T. R. Wilson, Owen W. Richardson.

Prólogo

Existem no mundo aproximadamente seis bilhões e meio de pessoas. Um número que, há cinco séculos, no tempo dos primeiros grandes cientistas, pareceria absurdo. Naquela época, o mundo conhecido possuía uma população mínima, e a expectativa de vida em alguns países não superava os cinquenta anos. Ainda assim, em meio a toda a atmosfera adversa, surgiram grandes gênios: Leonardo da Vinci, Galileu Galilei, Sir Isaac Newton...

Anos depois, no início do século XX, as grandes guerras assolaram o mundo, e a tecnologia disponível, ainda que precária, era utilizada como instrumento de combate. Nesse ambiente, surgiram James Clerk Maxwell, Werner Heisenberg, Albert Einstein.

Hoje o mundo não vive tensões tão grandes quanto naquele tempo, e o clima para o aparecimento de grandes gênios não poderia ser mais propício. Mas onde eles estarão? Em que lugares poderemos encontrá-los? E quando os encontrarmos, que revoluções eles serão capazes de trazer? Que tipo de resposta eles terão?



O psicólogo olha atentamente o garoto, sentado na poltrona à sua frente, em mais uma sessão de terapia. Todas aquelas fotos ao fundo assustavam um pouco seu cliente. Pessoas mortas já há algum tempo, que haviam se reunido na famosa conferência de Solvay, em 1927. Aquele psicólogo

possuía fotos de cada integrante, naquela sala, e a imagem de todos eles, juntos, bem no meio. O menino, então, não tira os olhos daquelas pessoas, enquanto o doutor apenas o observa.

– Quer me dizer alguma coisa?

A pergunta pareceu acordar o pequeno de um transe em que havia mergulhado, na atmosfera das fotos na parede. Mesmo assim, ele continuava olhando para elas.

– Tem alguma coisa errada. – disse o garoto.

– O que foi? Tem alguma coisa errada? – o médico tentou ser o mais sereno possível.

– Tem alguma coisa errada. – o garoto voltou a repetir.

– O que há de errado?

– Eu não sei... o velho do meio... ele parece incomodado com alguma coisa. – disse, apontando na foto para Albert Einstein. – Ele parece querer sair dali.

O doutor olhou para a foto, para onde o garoto apontava. A mão esquerda de Einstein estava sobre seu colo, e a mão direita segurava firme o assento, como quem quer realmente se levantar.

– Por que você acha que ele quer sair?

– O senhor falou que todos eram cientistas, que eles descobriram grandes coisas, e fizeram coisas importantes. – o menino tentava não tropeçar nas próprias palavras, mas sem tirar os olhos da foto, continuava – Mas eu acho que existe mais alguma coisa para ser descoberta, e coisas importantes que ninguém fez ainda. Eu acho que ele sabe disso. Eu acho que ele quer fazer isso.

O psicólogo observava atentamente a foto, ouvindo as palavras do garoto. Nesse momento, uma ideia absurda cruzou sua mente. Mas não é de ideias aparentemente absurdas de que vivem as grandes revoluções?

Capítulo I. A Procura

Três Corações, Minas Gerais. Café local. William Lourenço, vinte anos completados, conversa com um grande amigo. Seu nome é Ângelo, um velho simpaticíssimo de sessenta e poucos.

– E então? – começa Ângelo. – Qual é o casal mais comum do ano?

– Essa é fácil. – Responde William, enquanto tira o cartão de crédito do bolso.

Ele começa, então, sua descrição:

– O rapaz: de cabelo preto espetado, camisa de malha de aparência desleixada, cruzada por um cordão de algum metal pesado, sei lá, latão mesmo, bermuda xadrez, de dois bolsos nas laterais. Tênis sem meia, brancos.

– E a menina?

– Cabelo castanho claro, longos, mais ou menos até o meio das costas, pele clara, camisa baby-doll com alguma mensagem rebelde na qual ela provavelmente não acredita, sem muitos acessórios, calça comprida jeans, tênis igualmente brancos.

– Rapaz, isso não é tão comum assim.

Enquanto Ângelo pronuncia essas palavras, um casal vira a esquina, e se encaixavam perfeitamente na descrição que William havia feito. Ele olha o relógio, e vê que já são nove da manhã.

– Cara, tenho que pegar o ônibus para Belo Horizonte.

– Quer dizer que você vai mesmo ver o tal psicólogo? – Estranha Ângelo.

– Bom, no início eu estava meio desconfiado, mas daí eu pensei "o que eu tenho a perder?". Além do mais, tem dinheiro na jogada. Talvez eu até consiga um emprego.

William se levanta, e caminha na direção da rodoviária. Ângelo fica no café, e observa outro casal, igual ao que William descreveu, passando por ele.

– Boa sorte rapaz. – ele sussurra baixinho para os ventos da cidade pacata.



No mesmo momento, em plena Praça Sete, em Belo Horizonte, uma moça, de pele clara e cabelo castanho escuros, na altura dos ombros e de olhos marrons observa uma manifestação pública, insistindo, em alguns momentos, em olhar ao redor, procurando não se sabe o quê, com medo de encontrar.

"A democracia é supervalorizada", pensava. "Colocamos o poder de escolha nas mãos de algo perfeitamente controlável.". E ela estava correta. Aquela moça procurava pelos grandes aglomerados de pessoas – aquela manifestação, estádios de futebol, a Igreja – e tentava entender como essas coisas funcionam. Estava empenhada em encontrar um padrão na forma como as multidões se comportavam. Ela procurava uma resposta para o mundo.

Em meio à multidão, ela avista um rapaz, muito bem vestido com um terno preto impecável. Ele se aproxima dela, e ela se mostra atenta a ele.

– Senhorita Layla? Layla Romano?

– Sim, sou eu. – A moça responde.

O homem retira um envelope de papel pardo do bolso do paletó, e a entrega.

– Meu pai pediu que lhe entregasse isso.

Layla olha bem o moço à sua frente. Ele não parecia tão mais velho que ela, embora usasse roupas muito diferentes. Como era curiosa por natureza, resolve perguntar:

– Como foi que me reconheceu, no meio de tanta gente?

– Meu pai me deu sua descrição, e se isso não fosse o suficiente, disse que estaria observando a multidão com o

olhar mais crítico possível. Soube que tem uma mente brilhante, senhorita.

O rapaz continua a falar com ela. Com o envelope na mão, a curiosidade de Layla parece ter se voltado para outra coisa.

– Basta estar no lugar e na hora designada. Pode fazer isso?

Sem tirar os olhos do envelope, ela responde:

– Sim, eu posso.

O homem vai embora, tão furtivamente quanto apareceu. Alheia a tudo isso, a manifestação continua, sem notar que dois de seus ilustres expectadores já a haviam deixado. Um deles, a enciclopédia humana que era Layla Romano.

William pega o primeiro ônibus para Belo Horizonte, ainda com o futuro incerto pairando sobre sua cabeça. Só havia recebido um convite, a algumas semanas, de ir até a Capital para se encontrar com um psicólogo que estaria interessado em seus talentos únicos. O ônibus, já passados trinta minutos de viagem, para no meio da estrada, e uma menina de nove anos sobe, acompanhada da mãe. Elas sentam-se nos únicos assentos que estavam disponíveis, mais ou menos no meio do ônibus: a mãe no corredor, no lado oposto ao de William, e a menina ao lado dele. O rapaz, sempre com seus fones de ouvido para a viagem, não parece notar sua nova companhia, pelo menos não até perceber que ela o encarava com gravidade. Nove anos, cabelos loiros e amarrados, toda empacotada como a filha de uma mãe coruja, no frio que fazia no fim do inverno.

– O que você está ouvindo? – indaga a menina, curiosa.

William retira o fone do ouvido direito, mais próximo dela.

– Ouve um pouco. – ele diz, colocando gentilmente o fone no ouvido dela. Após alguns segundos, ela retruca:

– Diferente...

– Eram os anos oitenta, e havia bons motivos para se fazer música, além dos que se vê hoje na mídia.

– Eu não ouço muita música. – diz a menina, agora olhando para frente, através do corredor, para a faixa amarela na estrada.

William, então, tenta uma tática diferente para se aproximar da sua companheira de viagem.

– Está vendo o rapaz na poltrona quatro, ali na frente?

– Sim.

– Ele não devia estar sentado lá.

– Como você sabe disso? – pergunta a menina, agora prestando muita atenção no que William dizia.

– Porque a *minha* passagem é a número quatro. – William informa, em um tom desafiador.

– Então por que você está sentado aqui?

– Quando eu entrei no ônibus, ele já estava sentado no meu lugar. Mas você não precisa de muito tempo para descobrir o que ele está fazendo lá. Sabe, a maioria das pessoas prefere se sentar próximo às janelas, mas não nesse caso.

– O que tem esse caso de diferente?

– Ele está lá pela companhia. Está afim da moça sentada na janela, mas acho que ela não notou isso ainda.

A menina não consegue segurar um risinho, bem da maneira como as crianças encaram o amor. William põe o fone novamente. Cerca de vinte minutos depois o ônibus para, e a mãe da menina a chama. Ela se despede de William com um aceno de mão, e ele simplesmente sorri para ela. A menina passa pela poltrona quatro, e vê o casalzinho conversando.

– Vocês formam um casal bonito. – ela diz, enquanto a mãe continua a puxá-la pelo braço.

Três fileiras atrás, William sorri de olhos fechados, diante da grandeza do que tinha feito, enquanto tenta pegar no sono até Belo Horizonte.

◎

Descendo na rodoviária, após quase seis horas de viagem, William percebe que está começando a chover.

– Isso provavelmente vai atrasar as coisas. – pensa.

Então, retira do bolso o cartão do tal psicólogo, e resolve